

A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMANARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesense

Rua de Payo Galvão

AS ELEIÇÕES E A MORAL

Nas ultimas eleições legislativas houve veniagens, coacções, fraudes e viciações, como todos sabem.

Que esses actos são condemnaveis, não haverá ninguem que em boa consciencia o não reconheça.

Surge, porém, aqui uma questão que eu ainda não vi aí ventilada e que no entanto se impõe pela sua actualidade e importancia.

Os atropelamentos da lei eleitoral foram commettidos numa grande parte por catholicos e até por ecclesiasticos.

Que conceito havemos de fazer desses atropelamentos á face da moral?

Podemos considerá-los como actos meramente indifferentes, sem culpa theologica, ou devemos olhá-los como peccados?

Eiz a questão e, como vêem os meus bons leitores, a sua novidade, ao menos apparente, torna interessante a sua discussão. Discutámo-la, pois, com toda a serenidade para ver se se consegue dissipar ignorancias, desvanecer peconceitos e estabelecer a verdade.

Desde que o veneno do liberalismo se infiltrou no espirito dos homens de estado, tem-se tentado desligar a politica das leis e regras da moral. E' hoje vulgar ouvir-se fallar em moralidade politica, como se houvesse duas especies de moral, uma para os politicos e outra para o resto dos homens. E' hoje vulgar vermos condemnar o procedimento politico dum cidadão e ao mesmo tempo louvar a sua honestidade pessoal. Ora estas distincções não têm o minimo fundamento; sam effeito das tendencias secularizadoras que se vama accentuando cada vez mais na sociedade.

O que é condemnavel sob o ponto de vista politico, também o é sob o ponto de vista moral e vice-versa. No entanto, para evitar confusões convem discernir entre ideias e actos dos politicos.

Se as ideias sam adia-

foras, opinativas, e em nada collidem com os principios certos de sã philosophia, nem com os ensinamentos positivos da Igreja, eu posso discordar dellas, mas não tenho o direito de as condemnar.

Quanto aos actos, esses todas as vezes que os veja em desconformidade com as regras e preceitos da moral christã, por titulo nenhum os posso justificar. Condemnar hoje severamente e por mero facciosismo o que hontem se louvou com entusiasmo, perseguir injustamente e calumniar os adversarios, calcar aos pés as leis para servir correligionarios e apertá-las mais do que é justo para abater os antagonistas, esbanjar sem regra nem medida os dinheiros para sustentar ou conseguir adeptos, preterir os altos interesses da nação para cuidar principalmente das conveniencias de corrilho, isso é não só uma deshonestidade politica, mas também uma perversão moral; e pode a falta de escrupulos ou, melhor, a depravação da consciencia deixar de o levar ao fóro da penitencia; mas, uma vez apresentado aí, não ha moralista nenhum dalgum peso, que o não reprove.

Se nós admittimos os principios, forçosamente havemos de admittir as consequencias que delles naturalmente fluem. E aqui é onde está o mal.

Os catholicos em geral concordam theoreticamente em materia de principios; mas alguns, uma grande parte, não têm coragem de levar esses principios até ás suas derradeiras consequencias, e até ficam muito espantados quando se lhes apresentam essas consequencias; chegam mesmo a indignar-se deante dellas como se fossem novidades perigosas ou absurdos manifestos. Obcecados pela cobiça do interesse ou pelos fumos da vaidade, não querem reconhecer a incoherencia do seu procedimento por mais clara que seja.

Mas tornemos á questão concreta das offensas da lei eleitoral.

Essas offensas sam peccados? Recordemos pri-

meiro os principios e depois daremos a resposta em conformidade com elles.

E' principio assente, incontestavel, commum, entre moralistas, que as leis civis, quando não sejam injustas, obrigam em consciencia; e que, por isso, quem as transgride pecca.

Que a actual lei eleitoral, considerada em si, seja injusta, ninguem em boa razão o affirmará. Podemos discordar dos seus principios e disposições, porque em face da malicia dos homens não offerece as garantias necessarias para a liberdade do voto e seriedade do acto eleitoral. Isto, porém, é um ponto secundario. O mal está nas disposições dos politicos e não nos termos da lei. Esta lei, sobre não ser injusta, é ordenada ao bem commum.

Num systema representativo, como é o que nos rege, talvez que não haja outra lei de cuja execução dependa tam directamente o bem commum. Esta asserção é tam evidente que não precisa de demonstração.

Não pode, pois, haver a minima duvida de que quem offender a lei eleitoral, pecca. Ou havemos de admitir esta conclusão ou negar os principios mais certos da moral.

E esse peccado é mortal ou venial?

Isso depende das circunstancias, sendo uma dellas, e de não pequena importancia, a ignorancia em que laboram a maior parte dos eleitores; circumstancia esta que até os pode isentar completamente de peccado, posto que o acto por elles praticado, objectivamente considerado, seja uma transgressão grave. Mas um padre que, tendo obrigação de saber principios da moral e não menos obrigação de ser correcto em suas acções, no acto eleitoral commette fraudes e vicia gravemente as actas, a ponto de sair eleito quem o não merecia ser, pode escusar-se de peccado mortal?

Eu, francamente o digo, não o escusaria, em obediencia aos principios acima enunciados.

Bem sei que esta doutrina causará espanto aos que ainda têm alguma delicadeza de consciencia, e excitará o riso nos que já a tenham callejada. Mas eu muito estimava que alguém me mostrasse que os meus raciocinios e deducções estão fóra das leis da logica.

E eiz aqui um bello thema de meditações para muitos catholicos e mesmo para catholicos coroados.

P. A.

«Não ha constituição num país onde as leis podem ser infringidas a pretexto da salvação pública.»

Malesherbes.

«Combate»

Saldamos vivamente este nosso illustre collega, órgão do partido nacionalista neste districto. Saldamo-lo pela hombridade e firmeza com que azorraga os vendilhões da politica. O *Combate* honra o título.

Bem sabemos que nas fileiras catholicas não ham de faltar prudentes a quem o tom aguerrido da campanha causa sacudiduras de nervos. Mas ai de nós, se essa prudência pôde continuar a dar leis aos que batalham pela religião e pela pátria! A bella obra dessa prudência está aí, á vista de todos!

E' uma triste verdade — mas nem por isso deve deixar de se dizer — que essa prudência é, se não o principal, pelo menos um dos nossos principaes inimigos. Como tal a devemos tomar, lutando varonilmente contra as suas perniciosas inspirações. Mascaram-na — talvez em boa fé — com o respeitavel nome de prudência, quando ella não passa de cobardia e indolência que deve envergonhar o homem de caracter, sobre tudo o lutador christão.

E' justo e necessário que se discriminem bem os erros e as pessoas que os professam, para, segundo a palavra de Santo Agostinho, se matarem os erros, poupando as pessoas. Mas, quando as pessoas professam o erro com evidente má fé, quando fecham teimósamente os olhos á luz, quando a sua vontade é o único argumento em que apoiam as suas opiniões, quando se identificam com o erro: será possível combater o erro, poupando as pessoas? Não: e nunca homem nenhum de juízo assim o entendeu.

E' preciso combater o erro e neutralizar a sua málfica influencia, abatendo as bases em que elle assenta. Se estas bases sam a ignorancia, simplicidade ou inadvertência de quem o professa, destrua-se essa ignorancia, esclareça-se essa simplicidade, desperte-se essa inadvertência por meio de argumentos, que, exterminando o erro, convertam as pessoas. Mas, se as bases do erro sam a perversidade e a má fé de quem

o professa, não ha meio de o combater, poupando as pessoas.

Assim se entendeu e praticou sempre. Jesus-Christo, o mestre e modelo de todos os apóstolos, deixou-nos disto o exemplo no justo rigor com que tratou a raça de viboras dos phariseus, e nos golpes de azorrage com que puniu os vendilhões do templo, profanadores da casa de seu Paé.

Contra isto clama a raça infame dos abúndios. Mais phariseus do que os do Evangelho, e mais profanadores da religião do que os vendilhões do templo, querem dizer e fazer contra os sagrados interesses da religião e da pátria quanto julgam opportuno para agradar a seus amos ou para desafogar vilissimas paixões; e, não apoiando os seus destempéros senão em sua perversa vontade (*sit pro ratione voluntas*), querem que os apóstolos do bem e da verdade, á mingua de argumentos que combater, cruzem os braços e deixem correr e fructificar a sua obra de corrupção e de morte.

Não pode ser. E assim o vai entendendo a imprensa catholica, nominalmente o illustre confrade bracarense, cuja decidida attitude nos provocou estas reflexões de caracter geral. Começamos pelo *Combate*, e fomos passando para o combate: mas esta approximação é um novo elogio para o valente semanário.

«As pessoas cumuladas dos dons da fortuna sam como os navios excessivamente carregados, que estão mais arriscados do que os outros a ir a pique.»

S. João Chrysostomo.

Agricultura

Seleção do milho

E' sempre opportuno recordar aos nossos leitores umas singellas regras a seguir na selecção das sementes deste valioso cereal.

Quando o milho está maduro, vamos ao campo onde as plantas ostentem mais vigorosa e sadia vegetação, mais poderosa fructificação, e colhemos as melhores espigas, implantadas na parte inferior dos milhareiros que maior numero de espigas perfeitas tenham dado.

Escolhidas ainda essas espigas, de maneira que para a semente reservemos as de mais bello aspecto, em que os grãos estão mais regularmente dispostos, e mais uniformemente creados, submettem-se á operação da debulha. Mas antes, teremos o cuidado de separar as sementes da base e do cimo de cada espiga, que em geral sam as menos perfeitas e por isso mesmo devem excluir-se; e aproveitamos só as da parte central, muito melhores, para o effeito da reproducção.

Procedendo deste modo tam simplez conseguiremos muitas vezes crear subvariedades ou variantes de apreciaveis qualidades, não só sob o ponto de vista da productividade, mas até da precocidade e da resistencia á secca e ás doenças.

Escusado será dizer que essa

semente, secca e guardada cuidadosamente, não deve ser misturada com outra na sementeira futura, porque tal mistura não nos deixaria reconhecer os resultados da selecção. E' mesmo conveniente, quando não se tenha obtido por semelhante processo bastante semente para toda a sementeira da propriedade, fazer as sementeiras bem distinctas da semente seleccionada, e da semente commum, mas em eguaes condições de cultura, para compararmos os resultados e vermos se realmente valeu ou não a pena o resultado da selecção. Esses resultados avaliam-se facilmente, tomando nota da quantidade de cada classe de semente deitada á terra, e medindo depois o producto de duas parcelas de terreno de egual superficie. Na apreciação dos resultados é claro que não entra unicamente a quantidade do grão, mas a sua qualidade e a precocidade e egualdade da maturação.

O bagaço como adubo

Diz o sr. Bento Carqueja, em «O Lavrador»:

O lavrador cuidadoso sabe bem que deve aproveitar tudo, porque, como diz o povo, «migalhas fazem pão». O que elle não sabe, muitas vezes, é a melhor fórma de aproveitar algumas coisas, que julga desperdícios.

Acontece assim com o bagaço das uvas. Deitado á terra, depois de espremido, sem lhe juntar nada, para pouco serve; mas, se lhe deitar uma porção de cal ou até pó das estradas, para desfazer a acidez que possa ter, dá um bom adubo.

Serve principalmente para adubo das vinhas, porque contém grande quantidade de potassa.

Quem tiver gado, melhor fará, porém, aproveitando o bagaço para lho dar, misturado com palha, herva, folhas ou qualquer outro pasto. Elle só vale por mais metade da palha.

E. das F.

«O que ha de mais importante numa conversação é... o silêncio.»

Aphonso Karr.

Ainda as greves do Pevidem

Enganou-se redondamente o sr. Abilio Coutinho, se julgou que me faria cair da mão o látego, fingindo-se morto para poupar a pelle...

Contava meu avô o seguinte caso:

Uma noite entrou-lhe no curral, onde pernoitavam os cordeirinhos novos, um grande raposo, que fez nos animaesinhos enorme manança. E tantos comeu o malvado, que não pôde, tam abarrotado estava, transpôr o muro para fugir.

Quando, de manhã, meu avô foi assistir á saída dos cordeiros, que se juntam ás mães depois de estas mungidas, e viu os destroços feitos pela fêra, ficou furioso.

Como se sabe, os raposos são muito manhosos e aquelle era tão finório e matreiro, que daria um excellente procurador para Nespereira...

Sem poder sair do curral e prevendo a sôrte que o esperava, fingiu-se morto! O pastor encontrou-o estirado entre dois madeiros e, levantando-o por uma perna, mostrou-o ao meu desolado avô, gritando: O' patrão, cá está o alma do diabo! Tanto comeu, o ladrão, que arreventou com a pançada!

O bom velho, que tinha uma boa alma, contemplou o cadaver da fêra quasi com pena do bicho, que era um bello exemplar,—porque a morte, mesmo a de um raposo, tem o poder de transformar o odio em piedade — e, já sem cólera, exclamou:

«Este já expiou os seus crimes... O' José, arrasta-o para fóra do curral e, á tarde tira-lhe a pelle.»

E elle mesmo, com o seu pau de marmelleiro, ajudou a arrastar o raposo...

Ora este, que parecia morto e bem morto, assim que se viu fóra do curral, deu um salto enorme e... oh, pernas!... Ninguem mais o viu; mas rara era a semana em que não assaltasse, pela calada da noite, um curral ou uma capoeira!

E meu avô, quando me contava a historia do raposo, dizia-me sempre: Se vires um raposo morto, tira-lhe a pelle immediatamente; olha que elles têm sete folegos!

Applicando *el cuento*, parece-me que, não obstante o sr. Coutinho, depois das suas *entradas de leão* pela reputação alheia, ter feito uma *saída de perfeito*... cavalheiro, que, como qualquer raposo encurralado, se finge morto, não devo esquecer o conselho de meu avô!

Tirar, ou, pelo menos, zurrir bem a pelle de jornalista em que o sr. Coutinho se envolve para atassalhar a honra de cada um, a torto e a direito, manchando e desacreditando o jornal que lhe publica a prosa avariada, é um dever que cumprerei, não só para desaggravar-me a mim e aos meus camaradas, da insolente aggressão que nos dirigiu; mas tambem porque está na minha orientação e na minha indole calcar com o tacão as mandibulas dos lacráus da imprensa, que instilam na mordedura o veneno da calumnia.

Eis por que, embora se diga que é feio bater num homem morto, eu vou cumprir a promessa, que, no ultimo numero, fiz aos leitores.

Não, que os raposos e os calumniadores têm sete folegos... e é preciso partir-lhes todos os dentes, para que não façam mais estragos!

a) Que é falso tudo quanto o correspondente do *Jornal de Noticias* disse contra o sr. Francisco Ignacio da Cunha Guimarães. Esta é a minha primeira proposição.

Quaes são as accusações feitas pelo dito correspondente?

1.ª—Que o sr. Francisco Ignacio obrigava os seus operarios a comprar no seu estabelecimento a alimentação e o vestuario;

É *mentira!* Vi eu; e como eu, podem ver os leitores, na escripturação da casa do sr. Francisco Ignacio, que alguns dos seus operarios não eram freguezes do seu estabelecimento.

Se o patrão *impozesse* aos seus operarios a obrigação de comprarem os generos e o vestuario na sua casa, era natural que não desse trabalho aos que se não sujeitassem á imposição.

Não constou, decerto, ao correspondente, que o industrial tenha despedido algum operario por aquelle motivo?...

Logo... é *mentira!*

2.ª—Que o industrial sr. Francisco Ignacio, pagava assim, em generos e artigos de vestuario, os salarios dos seus operarios, havendo operario que durante o anno não recebia um vintem!

É *mentira!* O sr. Francisco Ignacio mostra, a quem quizer ver, as folhas de pagamento das quaes constam os descontos feitos em cada semana aos operarios que durante ella consumiam a credito do estabelecimento do patrão.

Pois bem: do exame dessas folhas conclue-se que os descontos eram quasi sempre inferiores á divida e sempre menores que metade do salario a receber.

E assim, qualquer pessoa pôde verificar nos livros daquelle negociante e industrial, que quasi todos os seus operarios com familia têm no estabelecimento dividas, que

nunca liquidarã e que representam uma perda certa.

E é tam *ganancioso e deshumano* o procedimento do sr. Francisco Ignacio, que, durante a greve, as familias dos seus operarios nunca sentiram fome, pois continuaram a abastecer-se a *credito* do estabelecimento do patrão!

Que diz a esta *exploração inaudita* o illustre ornamento da imprensa—como lhe chama, decerto com a mais pungente ironia,—o digno Reitor do Pevidem?

E' verdade ter ouvido dizer a um operario «que nunca via um vintem do salario» mas esse operario disse tambem o que o correspondente esqueceu ou velhacamente omitiu: que era sua mãe quem lhe recebia o salario!

Lógo... a 2.ª accusação é tambem uma *mentira!*

3.—Que o sr. Francisco Ignacio fornecia aos seus operarios farinhas deterioradas e bacalhau pôdre.

Cartas de considerados negociantes do Porto, que fornecem aquelles generos ao sr. Francisco Ignacio, já publicadas em varios jornaes, desfazem por completo esta accusação que é, como as outras, uma *mentira!*

Mas ha mais.

Durante a permanencia das forças no Pevidem, foi encarregado de dirigir e fiscalisar o rancho das praças o sr. Tenente Francisco Ferreira.

A modestia deste meu camarada inibe-me de enumerar aqui as suas qualidades, que o tornam um official distinctissimo, zeloso e intransigente no cumprimento dos seus deveres, tam meticoloso que chega, por vezes, a ser *miudinho*...

Pois este senhor tece os maiores elogios aos generos (arroz, bacalhau, feijão, azeite, etc.) comprados no estabelecimento do sr. Francisco Ignacio, para alimentação dos officiaes e das praças, e muitas vezes este official me disse e eu verifiquei serem de qualidade muito superior aos fornecidos na séde do regimento!

Ora estes generos eram eguaes aos que os operarios consumiam a credito e por preços eguaes, como o sr. Coutinho pode ainda verificar!

Mais ainda:

Quando, ha tres annos, o alqueire de milho chegou ao elevado preço de 12000 reis e as familias dos operarios de todas as fabricas do Pevidem luctavam com a fome, aos operarios do sr. Francisco Ignacio nunca faltou a farinha, que lhes era fornecida pelo preço da compra!

E ouça o sr. Coutinho: Logo que as primeiras calumnias forjadas no tascó de que havemos de fallar, foram publicadas no *Jornal de Noticias* e attribuidas falsamente a declarações espontaneas de operarios do sr. Francisco Ignacio, este sr. deu ordem aos seus empregados para que não fosse vendido mais genero algum a credito.

Sabe qual foi o resultado desta resolução?

Vi-o eu! Pobres mulheres rodeadas de filhinhos, em pranto que commovia, amaldiçoarem os calumniadores de quem durante o anno lhes proporcionava um bem estar relativo e pedirem, pelo amor de Deus, que lhes voltasse a ser dado credito para que os filhos não soffressem fome!

Todos sabemos como vive o operario, não só no Pevidem, mas em quasi todos os centros fabris do paiz, a sua imprevidencia e costumes perdularios. Com raras excepções, o operario recebe no sabbado o seu salario da semana e vai da fabrica em linha recta para a taberna, onde joga, come e bebe até á proxima segunda-feira.

Se tem mulher e filhos, a miseria no lar é horrorosa, porque da pandega não sobra para pão!

E' horroroso isto; mas é verdadeiro, infelizmente. A maioria dos operarios gastam na taberna

mais do que aquillo que ganham, emquanto os filhinhos andam famintos e quasi nus!

Se adoecem, o horror augmenta, porque os desgraçados não pensam nunca no dia seguinte e nem economisam, nem se associam.

Pois a *deshumana exploração* do sr. Francisco Ignacio era a Providencia das pobres esposas, que tinham certos o pão e o vestuario dos filhinhos e que agora maldizem com amargura a obra do sr. Coutinho e dos miseraveis, que, cegos pelo odio gerado na inveja, lhe suggeriram a triste ideia de calumniar torpemente quem merecia ser elogiado.

Outra ordem de factos prova a falsidade das accusações.

Os operarios do sr. Francisco Ignacio só se puseam em greve, obrigados pelos companheiros de outras fabricas. Interrogados bastantes vezes por mim, respondiam sempre desejarem voltar ao trabalho, mas que tinham medo dos companheiros.

Algumas noites houve em que grupos de operarios, com tambores e buzinas percorriam os caminhos gritando ameaças a alguns fabricantes.

Pois a verdade, que nem o sr. Coutinho nem os seus suggestores podem contestar, é que nunca esses gritos ameaçavam o sr. Francisco Ignacio.

Ninguem ignora que alguns industriaes foram desrespeitados e ameaçados directamente, pelos seus operarios.

Pois eu vi, que quando o sr. Francisco Ignacio atravessava por entre grupos de grevistas da sua sua fabrica, todos o cumprimentavam com respeito.

O que todos estes factos provam é que não existia desharmonia entre o sr. Francisco Ignacio e os seus operarios—o que não aconteceria se fossem verdadeiras as accusações do *Jornal de Noticias*.

Logo... é *mentira* tudo quanto o correspondente daquelle jornal assacou ao industrial sr. Francisco Ignacio, como é falso que os operarios fizessem taes queixas.

Não se julgue que vim á imprensa com procuração do sr. Francisco Ignacio da Cunha Guimarães.

Vim porque o sr. Coutinho é daquelles animaes que deixam baba por onde passam, que conspurcam tudo aquillo em que tocam, e muito velhacamente roçou com a sua lingua viperina pelas botas dos officiaes que fizeram serviço no Pevidem.

Emquanto o infeliz correspondente se entreteve dando á luz todas as calumnias, que bebeu á mistura com o *verdasco*, no tascó onde *copeava* informações até alta noite em alegre camaradagem com vadios, conservei-me indifferente, apesar de enojado de tanto cynismo.

Mas desde que a sua protervia o levou a lançar salpicos de baba sobre nós, hade soffrer o castigo da insolencia.

Pode fingir-se morto, como o raposo do conto. Não o deixarei fugir sem lhe arrancar um a um os dentes da calumnia e tirar-lhe-hei, por fim, a pelle de jornalista em que se disfarça.

Tem o sr. Coutinho um meio facil de me obrigar a pôr ponto na questão.

E' declarar no *Jornal de Noticias* que tudo quanto escrevi a respeito da greve do Pevidem foi bebido em fonte suspeita á mistura com umas canecas de *verdasco*, que lhe azedou o espirito sempre propenso á calumnia.

Porque esta é a verdade, pois não é, sr. Coutinho?

Estou, como toda a gente, convencido disso e, portanto:

Continuarei.

PEREIRA DO PAÇO.

P. S.—Acabo de saber que o

sr. Francisco Ignacio, que sexta-feira regressou com sua ex.^{ma} familia da Povoá de Varzim á sua casa no Pevidem, teve ali uma recepção, que muito deve ter encommoado os calumniadores que lhe levantaram a campanha de descredito por intermedio do correspondente do *Jornal de Noticias*.

Todo o operariado do Pevidem, sem distincção de fabricas, com archotes accesos e uma philarmónica á frente foram esperar o industrial, fóra da povoação, onde lhe deram as boas vindas lançando lhe flores e, ao som da musica e do estrelajar de foguetes, acompanhando-o e á sua familia até á casa de sua habitação, dando vivas ao industrial Francisco Ignacio e morras aos calumniadores!

Que dirá a isto o sr. Abilio Coutinho? Que pensará a estas horas daquelle que se serviram da sua penna de reporter, como de uma *sevilhana*, para esfaquear a honestidade do industrial a quem os operarios de todas as fabricas do Pevidem demonstram tam ruidosamente a consideração em que é tido?

Começo a ter compaixão do sr. Abilio Coutinho, porque nunca vi um homem em situação tam deprimente.

«A baixeza é uma medalha cujo reverso é a insolencia.»

Anonymo.

Anecdota histórica

CCXVIII

O Rosário e... um homem.—A especialidade de Napoleão estava longe de ser a devoção: contudo o illustre cabo de guerra conservava della algumas ideias em virtude da instrução religiosa que recebera em sua infância e juventude.

Ora no tempo da sua maior prosperidade, estava elle um dia no theatro, em Paris, acompanhado dum pagem a quem era affeiçãoado e que elle queria ligar á sua fortuna. Esse pagem era Rohan-Chabot, príncipe de Leão. O imperador assistia ao espectáculo com ar distraído, e examinava a assistencia. Seus olhos pousaram varias vezes no moço duque, que dava mostras de reflectir e de se occupar bem pouco do que se passava na scena, e tinha obstinadamente as mãos occultas numa pellica dobrada sobre os seus joelhos. De repente o imperador inclina-se, deita a mão ao que o príncipe tem escondido na pellica, e vê que é um... Têrço! Naquelle época, como é sabido, essas coisas não estavam, infelizmente, muito em voga, e o pagem contava com uma censura áspera. «Ah Augustol... Estais apanhado!» disse Napoleão ao moço duque «Pois bem: isso dá-me contentamento. Estais acima destas frioleiras da scena; tendes coração; um dia sereis um homem.» E restituiu-lhe o Têrço, accrescentando: «Continuai: não vos tornareis a encommodar.»

As testemunhas da aventura, ouvindo fallar assim o mestre, não ousaram rir-se.

O pagem, que assim rezava o Têrço num theatro, aonde ia contra vontade, veio a ser effectivamente um homem: morreu cardinal, arcebispo de Besançon, e deixou em sua diocese indeleveis recordações de piedade e beneficência.

CCXIX

Mozart e o Têrço.—Mozart, o Raphael da musica, maravilhoso desde a infancia e morto sobre um incomparavel montão de obras primas, quando apenas attingia a madureza da juventude; Mozart, levando o triplice fardo das hu-

milhões, da pobreza e do génio, em Salzbúrgo sob a tyrannia dum patrão grosseiro; em Paris, na sociedade de Grimm; em Vienna, nas seducções da glória, nunca deixou um momento, através das tristezas e das alegrias, de ser humilde e fervoroso cathólico. Ora, commungava, recitava o Têrço. Sabe-se muito nomiadamente que o recitou em acção de graças depois do triumpho da sua symphonia no concêrto da Opera.

Mas que era Mozart à vista dos pedantescos espiritos fortes que aí se pavoneiam?

CCXX

O Rosário na vinha.—«Permittime» diz Monsenhor Gay «uma recordação pessoal. Estava eu um dia no campo romano visitando as bellissimas ruínas dum velho templo pagão, outrora servido pelo collégio dos sacerdotes que se chamavam os Irmãos Arvaes, e olhava ao mesmo tempo para os preciosos restos duma antiquissima igreja christa, construída sobre aquellas ruínas. O todo estava encostado a uma pequena collina, coberta de vinhas já grandes e carregadas de uvas quasi maduras.

De repente um grupo de donzellas, que trabalhavam nas vinhas, começou a recitar o Rosário como em dois coros. Fiquei profundamente commovido, e não sei se jámais algum concêrto humano me impressionou mais. Sem fallar da frescura e harmonia daquellas vozes, era aquelle tam perfeitamente o cântico que semelhante logar pedia; era aquella tam perfeitamente a expressão eloquente em sua simplicidade, do triumpho da verdade, da piedade, da pureza, do Christianismo emfim sobre o immundo paganismo!...

«A doutrina duma vida futura, de recompensas e castigos depois da morte, é necessária a toda a sociedade civil.»

Warburton.

Curiosidades

Um edificio gigantesco.—O novo palácio municipal de Nova York será tam majestoso como colossal. Ora vejamos os leitores. Eleva-se-ha 170 metros acima do solo. Não faltam por lá decerto edificios que erguem mais alto a sua frente orgulhosa; mas não será facil encontrar outro cujos alcerces atinjam a profundidade de 44 metros, como vai succeder com o novo palácio. Só para estaptarte subterrânea—talvez a mais profunda de todo o mundo—gastar-se-ham cerca de 1 300 000 000 reis. A construcção do edificio todo não ficará por menos de 10 000 000 000 reis.

Poderá estabelecer-se nelle toda a administração municipal da cidade com os seus múltiplos serviços: o que suppõe que o palácio poderá receber 8 000 pessôas; isto é, o edificio equivalerá a uma cidade como Guimarães, pouco mais ou menos. Por isso era necessário prever-lhe vastos e profundos subsolos, onde serão concentrados todos os órgãos mechânicos necessários à vida interior daquelle gigante de pedra. Aqui se estabeleceram verdadeiras fabricas, que darão a luz, o aquecimento no inverno, a circulação do ar frio durante os estios quentes, e até linhas férreas subterrâneas que servirão as diferentes partes do edificio.

Uma questão de economia.—Os tempos vam maus: é preciso economizar em tudo. Mas, se uma pessoa quizer que uma carta chegue com segurança e promptamente ao seu destino, ha de metter-se em despezas: precisa de a registrar. E isto repetido

vai longe. Não haverá meio de o evitar? Encontramos numa revista estrangeira uma receita, que vamos applicar ás condições vigentes entre nós.

Para registardes uma carta ordinária, precisais de lhe pôr uma estampilha de 25 reis e de dar mais 50 reis pelo registo. Pois bem. Combinai préviamente as coisas com os vossos correspondentes habituaes, e fazei o seguinte. Ao fechar a carta, ponde-lhe dentro duas estampilhas de 25 reis ou outras equivalentes, e não a franqueeis. Deitai-a assim ao correio. O empregado multá-la-ha com o dôbro da estampilha ordinária, isto é, com 50 reis, que terão de ser pagos pelo destinatário. Este, como está prevenido, não rejeitará a carta, dentro da qual encontrará o preço da multa. Assim poupareis 25 reis de cada vez, sem prejuizo para a correspondência, porque ninguem sente tentações de abrir uma carta tratada com tanto descuido, e não haverá distribuidor postal que se não apresse a entregar uma carta por cuja multa elle é obrigado a responder.

Isto não é roubar o estado: é empregar um meio legítimo de diminuir despezas que nunca deviam ser necessárias.

Achamos a receita curiosa: mas receamos que a não deixem vogar; que isto de encargos não costuma andar para trás.

«A celebridade é a vantagem de serdes conhecido por aquelles que vos não conhecem.»

Chamfort.

Para variar...

XXVII

Um sonho explicado

Um operário contou certa manhã a sua mulher o sonho que tivera durante a noite. Vira aproximarem-se delle quatro ratazanas, umas atrás das outras. A primeira era grande e gorda, as duas immediatas eram muito magras, e a quarta era cega.

O pobre do homem estava inquieto, porque ouvira dizer que as ratazanas annunciavam desgraça. A pobre mulher não ia mais longe do que elle em comprehender a significação do mysterioso sonho. Mas uma creança, filho dos dois, muito intelligente, deu a seguinte explicação que elles se viram obrigados a reconhecer por exacta:

«A ratazana grande, a gorda,» disse elle a seu pae «é o taberneiro da esquina que o pae visita tantas vezes e a quem leva todo o nosso dinheiro; as duas ratazanas magras é minha mãe e eu; a ratazana cega é o pae.»

«Deve chamar-se mau aquelle que só é bom para si.»

Públio Syro.

Qual é a minha vocação

E

O que devo aconselhar áeera da escolha do estado?

CONVERSAS

de Theophilo com um missionario

III

DO ESTADO RELIGIOSO

III conversas

Theophilo.—Todavia o estado religioso não é necessario à salvação.

O missionario.—«Não é tam pouco necessario à salvação obter tal ou tal emprego vantajoso, responde o mesmo grande theologo; e comtudo é fóra de dúvida que é

uma grave injustiça empregar a fraude para impedir outrem de o conseguir. Da-se o mesmo, por maioria de razão, quando se usa de equal meio para desviar alguem da vida religiosa.»

Theophilo.—Mas se se empregarem só promessas e pedidos?

O missionario.—S. Ligório affirma absolutamente que «se a intenção daquelle que se quer fazer religioso é recta e elle não tem impedimento, nem o confessor, nem outrem podem, sem falta grave, impedi-lo ou desviá-lo de se fazer religioso.»

Eu penso, diz elle ainda, que os paes que impedem os filhos de se fazerem religiosos, seja por fraude, seja por promessas, pedidos ou doutra maneira, commettem um duplo peccado grave porque, além do peccado contra a caridade, commettem outra falta contra o seu dever de estado. Em verdade, elles sam obrigados sob pena de peccado grave a trabalhar no progresso espirital de seus filhos.» Se é assim a respeito dos paes, que deve ser a respeito daquelles a quem Deus confiou o cargo das almas!

IV conversas

DOS DEVERES DOS INFERIORES E DOS SUPERIORES RELATIVAMENTE Á VOCAÇÃO RELIGIOSA.

Theophilo.—Não ha algum caso em que os paes possam oppôr-se á vocação religiosa de seus filhos?

O missionario.—Elles podê-lo-hiam, diz S. Ligório, se os filhos tivessem de os deixar em necessidade extrema ou grave, ou se uma familia de alta nobreza houvesse de se extinguir. Eu penso todavia, accrescenta o santo Doutor, que, neste ultimo caso, o filho não seria obrigado a renunciar á sua vocação.

Theophilo.—Assim pois, meu Padre, a lei de Deus salvaguarda os direitos e os deveres de todos, os dos paes e os dos filhos?

O missionario.—Sim, Theophilo, mas convem que eu te explique em que consiste a necessidade grave. A necessidade extrema é aquella em que se encontra um homem que vai certamente correr perigo de morte, se se lhe não assiste. Nesta necessidade, não é permitido abandonar nem o pae, nem a mãe, nem até os irmãos e irmãs para entrar em religião. E até um religioso seria obrigado a deixar o convento, se fosse necessario, para assistir ao seu pae e mãe que viessem a cair em necessidade extrema. A necessidade grave é a dum homem que não pode viver senão com grande pena, e em grande miseria, ou com deshonra, e é obrigado, para grangear o necessário, a descer notavelmente abaixo da sua condição. Pode-se differir o deixar o mundo ou até ficar sempre nelle afim de assistir aos irmãos ou irmãs que estivessem em necessidade grave, mas não se é obrigado a isso. Pode-se pois tambem, neste caso, entrar em religião: é o ensinamento de S. Ligório. Quanto ao pae e à mãe que estão em necessidade grave, não é permitido abandoná-los; é a opinião commum dos theologos.

Theophilo.—E se, ficando no mundo, não se lhes pode ser de nenhum auxilio, ou antes se os paes têm consigo outros filhos que possam assistir-lhes?

O missionario.—Nestes dois casos, é evidente que se pode seguir a vocação; e até, se um filho, ficando no mundo, estivesse seriamente exposto a um perigo proximo de peccar gravemente, perigo que elle não podesse evitar, ser-lhe-hia permitido entrar em religião, qualquer que fosse a necessidade dos paes. A salvação eterna do filho, diz S. Ligório, deve estar antes da vida temporal dos paes.

Theophilo.—Pode acontecer que alguns paes constrenjam a renunciar á castidade perfeita e

às outras obras de perfeição um filho que, para lhes assistir, tivesse já feito o sacrificio da sua entrada em religião.

O missionario.—«Taes paes exigiriam então o que não têm direito de exigir, diz Suarez; e, neste caso, o filho teria razão sufficiente de evitar a companhia dos paes, e até de os deixar inteiramente, se isso fosse necessario, para se pôr a salvo das suas solitações.» Repara todavia, Theophilo, que ainda depois da sua profissão religiosa, um filho deve por todos os meios que estão em seu poder vir em auxilio de seus paes reduzidos a necessidade grave.

(Continua)

«O bemfeitor grava o seu nome na mão daquelle que recebe os beneficios.»

Lessing.

Noticiario

Nossa Senhora do Rosario.—Realizou-se hontem no templo da V. O. T. de S. Domingos, a festividade de Nossa Senhora do Rosario, constando de missa cantada a grande orchestra ás 10 horas da manhã; e, de tarde, de recitação do Rosario, vespêras solemnes e sermão.

Batalha do Bussaco.—Para commemorar o 1.º centenario da batalha do Bussaco, realisaram os officiaes de infantaria n.º 20 uma festa no seu quartel, no dia 27 do corrente.

Na sala da bibliotheca, que se achava ornamentada com arte e finissimo gosto, realisou-se a sessão solemne presidida pelo sr. General Chaby, que proferiu um bello discurso allusivo ao acto. Exaltou o valor e patriotismo que em todos os tempos fizeram do estado portuguez o primeiro soldado do mundo. Referiu-se a varias batalhas notaveis, desde a de S. Mamede, proximo a Guimarães, que foi como que a pedra fundamental da monarchia portuguesa, até á do Bussaco que determinou a saída dos invasores do sólo patrio e, para frisar que o soldado de hoje é igual ao daquelles tempos em valentia e patriotismo, refere-se ás modernas campanhas de Africa, nas quaes o nosso exercito se tem mostrado digno das suas tradições.

Fallou em seguida o sr. Tenente-Coronel Flores, comandante militar do regimento. Sua Ex.ª com grande erudição faz numa verdadeira conferencia historica e critica, não só sobre a batalha do Bussaco, mas da epocha em que se realisou e da sua importancia e influencia nos acontecimentos europeus que se lhe seguiram. Foi muito applaudido.

Dissemos que a sala estava ornamentada com muito gosto e arte; e assim era.

Sobre motivos de material de guerra, viam-se nas paredes, medalhas, emblemas, panoplias e escudetes formados por difficis e engenhosas combinações de armas, e utensilios e ferramentas.

Tudo aquillo era devido ao gosto artistico do sr. Alferes Fraga, que é inexcedivel em engenho decorativo e um trabalhador incansavel.

A noite houve illuminação na parada exterior do quartel onde tocou a banda regimental até ás 11 horas.

Festividade.—Realiza-se amanhã, no templo da V. O. T. de S. Francisco, a festividade do Patriarcha, constando de missa cantada, ás 10 horas, e, ás 5 da tarde, de sermão, *Te-Deum* e benção.

A viagem de El-Rei.

—A provincia de Trás-os-Montes prepara-se para receber festivamente Sua Magestade El-Rei, na visita com que o augusto Monarca vai honrar os povos daquelle região.

Na Regoa, Villa Real, Pedras Salgadas, Vidago, Chaves, Bragança e Mirandella, congregaram-se valiosos elementos para dar toda a imponencia ás manifestações de respeito e carinhoso affecto que sam devidos a Sua Magestade como Chefe do Estado.

Missa de suffragio.

No templo da Misericordia foi celebrada, na quinta-feira ultima, uma missa por alma do fallecido sr. Bernardo de Oliveira, director tecnico da Typographia Minerva.

Assistiu o proprietario e todo o pessoal empregado nesta officina.

Foi celebrante o rev. padre João Bourbon.

Grupo de Propaganda.

—Não se tendo realizado hontem, por falta de numero, a assembleia geral do Grupo de Propaganda «Por Guimarães», para a discussão e approvação dos Estatutos porque ha de reger-seyesta sympathica instituição, cujo projecto foi distribuido por todos os socios, terá de reunir-se no proximo domingo, pelas 8 horas da noite, na sede provisoria, rua de D. João I.º n.º 13—1.º andar, realizando-se então com qualquer numero.

O bom funcionamento das associações depende da boa organização da sua lei fundamental, motivo porque é necessario que compareçam o maior numero de socios e que todos procedam a um rigoroso exame das suas disposições, para que, convenientemente discutidas, saia do projecto uma obra tanto quanto possivel completa.

Fallecimentos.—Falleceu no dia 26 do mês findo, nova ainda e victimada pela tuberculose, a sr.ª D. Maria de Lourdes do Amaral Cardoso, sobrinha dos snrs. José do Amaral Ferreira, José Duarte Guimarães e Albino Cardoso.

Os seus funeraes realisaram-se no dia 28, na Collegiada, com numerosa assistencia.

Tambem falleceu no dia 29 a sr.ª D. Felicidade Perpetua Alves, mãe do sr. Guilhermino Augusto Barreira, conceituado negociante nesta cidade.

A's familias enlutadas o nosso pezame.

ANNUNCIOS

Elucidario do Commerciantes

Coordenado pelo Dr. EDMUNDO GORJÃO

(Advogado)

Util e necessario a todo o commercio em geral—Grande economia de tempo e dinheiro

Pelo simplez exame deste livro, que contém todas as disposições dos Codigos Commercial e do Processo Commercial, com formulas para todos os actos que seja preciso praticar e as principaes disposições referentes ao commercio, se conhece a grande vantagem que todos os senhores commerciantes têm em adquirilo.

Basta um simplez requerimento para demandar um devedor, que se copie deste livro, para o senhor commerciante embolsar mais do que os 500 reis do seu custo.

Os pedidos devem ser dirigidos para a Rua de S. Lazaro, 151 e 153, Lisboa.



OFFICINA DE ENCADERNACÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

— DE —

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

No mesmo estabelecimento encontram-se em exposição imagens religiosas, da casa EL ARTE CRISTIANO—Olot, (Gerona), de cartão madeira, (materia privilegiada por um decreto da Sagrada Congregação de Indulgencias e Sagradas Reliquias), assim como estampas para lembrança da primeira communhão e catechese, que se vendem por preços muito economicos.

As edições desta casa encontram-se á venda em S. Paulo (Brazil), no Centro de Propaganda Catholica, de Campos & C.^a, R. de S.^{ta} Thereza, 20.

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Papelaria annexa á Typ. Minerva Vimaranesse—Rua de Payo Galvão.

Recordação de meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "
2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Exerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "
Franco de porte.

VARIAS OUTRAS OBRAS

A' venda na mesma casa:

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 30 reis
Pelo correio 35 "

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "
Franco de porte.

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primás.

Um folheto de 32 paginas, em 8.^o
Avulso **30 rs.** franco de porte.
Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusive, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Encarrega-se de mandar vir da LIVRARIA CATHOLICA PORTUENSE, Centro de Propaganda religiosa em Portugal e Brazil, qualquer obra annunciada no seu catalogo.

ÁLEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços a começar em 20 reis.

Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Collecções dos mais importantes monumentos, paysagens, avenidas, jardins, associações, etc., etc., da Cidade de Guimarães e da Penha, compostas de 30 exemplares, a 500 reis.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

Albums illustrados

Com as mesmas 30 vistas dos postaes, lindamente cartonados, a 500 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 reis.

Em series de 20 ou mais exemplares sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno 1\$300 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Anuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de A Restauração.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblatto de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administração do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHÓLICO

N.º 295

Ex.^{mo} Snr.